

Família, Escola e Pátria: Ideal de Professora Primária para o Brasil Rural no Tempo do Estado Novo

Family, School and Homeland: Ideal Teacher for Rural Brazil in the Time New State

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v11i1.2634>

Fátima Maria Leitão Araújo

Professora da Universidade Estadual do Ceará – UECE

Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará- UFC

fatimamleitao@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-9118-3778>

Recebido em: 20/06/2018 – Aceito em 31/07/2018

Resumo: Este artigo tem por intuito realizar uma reflexão articulada das várias dimensões e/ou facetas que compõem o complexo mundo institucional, especificamente o da Escola de formação de professoras ruralistas no estado do Ceará, nas décadas de 1930 a 1940. Para além do espaço restrito à instituição escolar, realiza-se análises sobre a intrínseca relação entre ideal de formação feminina, família e sociedade no período do Estado Novo. O cerne da questão aqui analisada é a busca do entendimento sobre o ideal de professora e de educação feminina subjacentes à proposta de formação docente proposta pelas escolas normais rurais, no âmbito do estado do Ceará, em um momento de intensos debates sobre educação, nacionalismo e desenvolvimento econômico. Neste contexto de efervescência nacionalista, intenta-se compreender em que consistiam as suas visões de educação, papel da mulher na sociedade e perfil de educadora, presentes nas intrincadas relações entre Estado, família e formação docente.

Palavras-chave: Professora rural; Família; Estado Novo

Abstract: This article intends to carry out an articulated reflection of the various dimensions and / or facets that make up the complex institutional world, specifically the School of training of rural teachers in the state of Ceará, in the 1930s to 1940s. the analysis of the intrinsic relationship between the ideal of feminine formation, family and society in the Estado Novo period. At the heart of the issue analyzed here is the search for an understanding of the ideal of teacher and female education underlying the proposal of teacher training proposed by rural normal schools within the state of Ceará at a time of intense debates about education, nationalism and economic development. In this context of nationalist effervescence, we try to understand what consisted of their visions of education, the role of women in society and the profile of educator, present in the intricate relations between State, family and teacher training.

Keywords: Rural Teacher; Family; New State

Introdução

Busco, neste artigo, desenvolver uma discussão que extrapole a análise de construções e imagens sobre a figura da professora primária. O intuito aqui presente é o de fazer uma reflexão articulada das várias dimensões e/ou facetas que compõem o complexo mundo institucional, especificamente o da Escola de formação de professoras ruralistas no estado do Ceará, nas décadas de 1930 a 1940¹. Para além do espaço restrito à instituição escolar, teço análises sobre a intrínseca relação entre ideal de formação feminina, família e sociedade.

Na lição de Antônio Nóvoa: “A natureza do saber pedagógico e a relação dos professores ao saber constituem um capítulo central da história da profissão docente”.

¹As escolas normais rurais foram criadas entre as décadas de 1930 a 1950, no Ceará. Neste artigo analiso as narrativas de professoras de 5 escolas normais rurais, quais sejam: Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte (ENRJN), fundada em 1934 e considerada pioneira no Brasil, localizada no sul do Ceará; Escola normal Rural de Limoeiro do Norte (ENRL), fundada em 1938, localizada na Região do Baixo Jaguaribe; Escola Normal Rural Sagrado Coração (ENRSC), fundada em 1938, localizada na cidade de Quixadá, localizada na Região do Sertão Central cearense; Escola Normal Rural Senhora Santana (ENRS), fundada em 1939, na cidade de Iguatu, na Região Centro-sul do Ceará.

(1995, p.16). Tal afirmação leva-me à asserção do quão é importante a percepção de que o professor é um ser historicamente situado e o seu estatuto profissional é fruto do contexto social por ele vivido. Nesse sentido, os primeiros anos do século XX serão fortemente marcados: (...) pela crença “generalizada nas potencialidades da escola e na sua expansão para o conjunto da sociedade. Os protagonistas deste desígnio são os professores, que vão ser investidos de um importante poder simbólico”. (Idem, p.19). Em tal perspectiva, a escola e a instrução encarnariam o tão propalado progresso, tornando-se os professores seus agentes.

Os professores encarados como agentes do progresso tinham que receber uma formação adequada à sua função civilizadora. Os *saberes docentes* deveriam se apoiar em doutrinas que se coadunassem com as exigências do tempo presente. No caso específico das escolas normais rurais, os conhecimentos que se destinavam à formação científica e pedagógica das professoras estavam fundamentados nas doutrinas pedagógicas e ideológicas da Escola Nova.

Dessa forma, adentrar a realidade desse projeto de escolarização e formação docente tão peculiar e tão pouco conhecido no contexto da história da educação brasileira, levou-me à reconstituição das trajetórias de personagens que desempenharam papel central e decisivo no estabelecimento de um perfil de instituição de formação docente. Assim, nos fragmentos do cotidiano, experiências vividas, representações, valores, ideias e projetos são revelados a partir da reminiscência. É, pois, dessa forma que “ocorre uma reminiscência criadora, que atinge seu objeto e o transforma(...) O sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de toda a sua vida(...) na corrente vital do seu passado, resumida na reminiscência” (BENJAMIM, 1987, p. 211)

Nas narrativas de professoras ruralistas, experiências são transmitidas por meio da memória de pessoas que viveram plenamente uma realidade repleta de riqueza, de humanidade, de histórias pouco conhecidas. Seus relatos revelam os momentos mais significativos, já que, sendo a memória seletiva, a tendência é a ênfase nos bons tempos vividos e nos projetos realizados.

A ênfase dada ao papel da professora ruralista para o desenvolvimento e redenção do ensino primário nos sertões cearenses, fez-me registrar histórias de vida de mulheres que se formaram nas escolas normais rurais, nos anos de 1930 a 1940, com o objetivo de reconstruir ideias, visão de mundo e sociedade, influência familiar e experiências na consecução da formação docente no seio dessas instituições escolares.

As histórias de vida de normalistas rurais é uma escolha que se justifica pela efetivação da feminização do magistério. A presença feminina no magistério primário no Ceará, como no resto do Brasil, era fato consumado, sendo a figura da professora motivo de várias representações sociais. “*Representações que não apenas espelharam essas mulheres, mas que efetivamente as produziram*”. (LOURO in PRIORE, 1997, p. 464). Para Jane Soares de Almeida (1998, p.64):

[...] os ideais republicanos preconizavam um povo instruído e, na década de 1930, o escolanovismo dirigia os rumos educacionais. A crença no poder da educação para o crescimento do país repercutiu diretamente na política educacional e na criação de mais escolas. A esse aumento e a essa demanda correspondeu uma visão ideológica que atribuía às mulheres o papel de regeneradoras morais da sociedade, o que se faria principalmente pela sua inserção no campo educacional. (IDEM, p. 66).

Com este preâmbulo pretendo chegar ao cerne da questão aqui analisada, qual seja: que ideal de

professora e de educação feminina estava subjacente à proposta de formação docente encetadas pelas escolas normais rurais, no âmbito do estado do Ceará, em um momento de intensos debates sobre educação, nacionalismo e desenvolvimento econômico. Neste contexto de tanta efervescência nacionalista, qual era o papel da família na educação das meninas e em que consistiam as suas visões de educação, papel da mulher na sociedade e perfil de educadora.

Mãe, Professora e Missionária: a construção de um ideal de professora em tempos de exacerbação nacionalista.

Durante as entrevistas com as ex-alunas e professoras ruralistas, todas elas se reportam com maior intensidade ao período da infância, da vida familiar e da vida escolar. No momento de falar sobre as experiências profissionais, as narrativas eram mais vagas, imprecisas e fortemente marcadas pela ênfase no papel da professora como uma mãe extremada e cuidadosa, como uma educadora que primava pela instrução, pelo rigor da disciplina e pelo seu dever patriótico de formar almas boas e cristãs, de cidadãos a serviço de um país que precisava crescer econômica e culturalmente.

As “meninas” que adentravam o espaço das escolas normais rurais pertenciam às classes sociais mais abastardas, oriundas da pequena burguesia rural, moças de classe média, de origem familiar geralmente ligada aos clãs mais tradicionais das cidades rurais do Ceará. Neste aspecto, seus componentes familiares eram pessoas ligadas às atividades rurais, agricultores, como assim denominavam seus pais, quando na realidade eram produtores rurais. Outras pertenciam às famílias que tinham tradição no comércio, além daquelas que se dedicavam aos misteres industriais. Filhas de profissionais liberais e funcionários públicos figuravam também como clientela de marcante presença nessas escolas de formação docente.

Quanto às primeiras experiências dessas professoras, é possível traçar um perfil do estado educacional primário na ruralidade do Ceará nas décadas de 1920 e 1930, período em que frequentaram os bancos da escola primária. É notória a precariedade da instrução naqueles idos, mesmo para os que detinham recursos financeiros. As meninas eram alfabetizadas por professores particulares, frequentavam o Grupo Escolar e, depois, as que detinham maior recurso iam dar continuidade aos seus estudos em Fortaleza, ou em cidades do porte do Crato, onde havia internato para meninas.

As análises acima apresentadas podem ser constadas pelos relatos das ex-alunas, mulheres que viveram dificuldades, experimentaram alegrias, usufruíram dos bens proporcionados pela escola e pela oportunidade de se tornarem mestras ou mulheres preparadas para os misteres da vida familiar e social.

Nas quatro histórias aqui retratadas, sonhos comuns, um ideal desde cedo perseguido ou despertado no momento em que surge a grande oportunidade: a fundação de uma escola secundária que abria as portas para o sexo feminino no Ceará rural; escola essa que trazia uma singularidade, um aspecto que a diferenciaria das outras instituições de formação docente presentes no território brasileiro. Era uma escola que formaria o professor para o meio rural.

No primeiro momento, para a juventude feminina contemplada por esse projeto de instrução secundarista, tal empreendimento significava a realização de uma vontade há muito sufocada por muitas jovens que não podiam ou não tinham o consentimento dos pais para estudar na Capital e/ou cidades com maior estrutura e presença de escolas femininas, pois ser professora era um ideal alimentado pela maioria das moças daqueles tempos de feminização do magistério primário. Era o tipo de educação, também, bastante almejado pelas famílias dessas moças, desejosas de dotar suas filhas de educação esmerada, preparando-as, não somente para o exercício profissional, como também para o aprimoramento dos dons inerentes às mulheres de “boas famílias” e de “sociedade”.

²Maria Assunção Gonçalves. Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte; Carmusina Arrais Freire. Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte; Maria Elvira Costa de Lima, Escola Normal Rural Sagrado Coração, de Quixadá e Herotildes Helena Silva Ferreira. Escola Normal Rural Senhora Santana, de Iguatu.

Nos relatos das quatro professoras², algumas afirmações comprovam que o “dom” e a vontade de ser professora estavam latentes. Em algumas, desde cedo se manifestavam até nas brincadeiras infantis e em iniciativas espontâneas. Este foi o caso de Elvira Costa que, talvez influenciada pela mãe professora, reunia a meninada da rua para ensinar. Para ela, a fundação da Escola Normal Rural Sagrado Coração, de Quixadá, foi de fundamental importância para que retornasse e permanecesse em sua cidade natal. Representou oportunidades para as moças daquele município, castigado pelo sol inclemente e pelas secas periódicas, ingressarem em uma escola de formação docente. Apesar de ter sido uma iniciativa da Igreja, diz que a sua concretização foi fruto do movimento da população quixadaense em prol do desenvolvimento cultural e educacional da Cidade.

Já a história de Assunção Gonçalves tem um aspecto bem peculiar. A necessidade a conduz ao magistério, mesmo sem alimentar ou supor que um dia Juazeiro do Norte fundaria a primeira escola normal rural do Brasil. Com esse evento, o desejo de prosseguir os estudos alimentara o seu ser de esperança, da alegria por poder desde então aperfeiçoar uma prática que vinha realizando, forjada pelo amor que a conduzia às descobertas de métodos e processos no exercício do ensinar e aprender. A vontade de acertar associava-se à necessidade de sobreviver. Por isso sua afirmação, firme e enfática, não deixa dúvidas sobre a importância representada pela ENRJN, pois a essa escola “..devo tudo: minha formação e o meu sustento...”.

Para Carmusina, o estudo era tudo em sua vida; sempre foi muito estudiosa, tirava os primeiros lugares. Sempre estudou em bons colégios. Adentrou a Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte, fazendo parte da primeira turma de normalistas. Para ela, a importância dessa escola estava no fato de surgir para *ilustrar as mulheres*, pois naquela época só os meninos tinham acesso ao curso ginásial. As meninas não podiam ficar mais para trás. A primeira turma só tinha quatro alunas, pois Limoeiro do Norte e a região não contavam com moças preparadas para ingressarem no curso normal.

Heroltides, desde criança, era muito estudiosa. Na adolescência, os livros exerciam grande fascínio e tornar-se-iam seus companheiros constantes. Logo que concluiu o quinto ano primário em 1938, foi apresentada, no ano seguinte, juntamente com a população iguatense, com a fundação da primeira escola secundarista do Município, Escola Normal Rural Santana. Passa a fazer parte da primeira turma de normalistas da escola referida. Em Herotildes não se percebe propriamente o desejo de ser professora. Por outro lado, nesta mulher com pensamentos e ações muito à frente de seu tempo, descortina-se a figura de uma jovem madura, forte em seus propósitos, imbuída da convicção de seu papel político e social.

A partir dos depoimentos ora citados, é notória a incorporação dos ideais ruralistas pelas professoras que se formaram nas escolas normais rurais. A chama do ruralismo pedagógico não se apagou com o tempo, pois, mesmo vivendo experiências posteriores à grande febre do ruralismo pedagógico, cujo período áureo ocorre entre os anos de 1920 a 1950, indelévels são as marcas dessa ideologia, no pensar e nas concepções de educação e sociedade expressas por essas ex-alunas.

Com a consolidação do Estado Novo (1937-1942), a política de Vargas direciona suas ações para a execução de um dos seus principais objetivos, ou seja, “a concretização do progresso dentro da ordem”. (CAPELATO, In: FERREIRA, DELGADO, 2003, p.117). Atingir tal meta implicaria, dentre outras ações, estabelecer o controle social em bases novas.

A ideia de modernização, amparada na nacionalização, imposição de um novo tempo e de um novo projeto de política econômica, não conseguia respostas mais concretas no sistema educacional. As práticas educacionais eram travadas pela estrutura arcaica e inoperante de uma política educacional

ainda não tão consistente ao ponto de romper com uma visão de mundo, com uma cultura que resistia ao tempo, perpassando as fronteiras de uma sociedade dita “moderna”.

A educação formal embora assumindo esse papel de motor que acelera as mudanças, não é por si só capaz de promover transformações individuais e sociais de forma mais radical. A cultura popular precisa ser respeitada e vista como forma de preservação da identidade de um determinado povo, ou de um determinado grupo. Na emergência do projeto de ruralização da educação formal, tinha-se por principal motor a mudança via processo modernizador do campo, o que implicaria não somente em transformações materiais, mas em mudança de mentalidade.

No cotidiano das escolas normais rurais ecoam com intensidade a harmonia sonora de tal ideologia. Nas narrativas das normalistas rurais e nos escritos da época, percebe-se qual era o real papel da escola. Corroborando com Alcir Lenharo (1986, p.40), vejo esse mister da escola como sendo: (...) o espaço social “esquadrinhado de maneira neutralizadora e envolvido por uma redoma defensiva do mundo externo, pleno de tensão e conflito. Lar, Escola e Pátria constituem as únicas referências geográficas utilizadas”. Assim, as relações sociais que se configuram do lar à escola e, deles, para a Pátria, se definem pelo crivo da moralidade.

Por conseguinte, na contingência de ser professora ruralista, encontra-se a marca indelével da educadora missionária, repleta de sentimentos de elevado teor moral, de manifesto amor pátrio e indiscutível devoção e respeito à doutrina cristã. A concretização desse perfil desejado para a professora rural ocorre não somente por meio do conteúdo ideológico, mas, também, por meio de estratégias que tinham por objetivo a ordenação e orientação do corpo como forma de se chegar à “integridade do ser humano”. Havia a necessidade de se estabelecer um equilíbrio entre o corpo e o espírito. Não era sem razão a ênfase imprimida à Educação Física e ao aprendizado da música, ou, mais precisamente, do Canto Orfeônico, no programa curricular das escolas normais rurais.

A Educação Física passa a deter importância grandiosa em momento da necessária “militarização dos corpos”. Assim é que o corpo “fisicamente educado facilita o desenvolvimento das “mais elevadas faculdades morais”. O corpo não é mero produtor de moralidade, mas é também seu transmissor”(IDEM, p.507). Uma amostra da influência exercida por tais componentes curriculares diz respeito ao fato de todas as narradoras demonstrarem habilidades artísticas e manuais. Quanto aos aspectos posturais e de etiqueta, ainda hoje há uma preocupação com a forma de sentar, andar e se dirigir às pessoas.

O fato de terem participado do Canto Orfeônico é motivo de muito orgulho para as senhoras que, quando jovens, usufruíram de uma educação de nível incontestável, tanto no aspecto cognitivo quanto naqueles ligados às habilidades artísticas, culturais e sociais. A formação social aqui entendida como formação de mulheres “civilizadas”, imbuídas das etiquetas sociais que se equiparam às atitudes adotadas nos países mais desenvolvidos culturalmente, como era o caso da França, modelo de civilização a ser imitado.

Assim, as escolas normais rurais, no Ceará, preencheram, em algumas cidades do Estado, o vazio existente em relação à falta de ambiente, de um espaço escolar que permitisse à pequena burguesia o uso fruto de uma educação que dotasse as moças das famílias mais abastadas ou bem posicionadas na sociedade, em virtude de suas origens aristocratas, de uma cultura geral e profissional e que, principalmente, as moldassem no padrão desejado de moças “bem-educadas”, prendadas e imbuídas de etiquetas que imprimiam uma atitude de verdadeiras damas. Tal assertiva pode-se constatar no depoimento da professora da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, Assunção Gonçalves:

Nas aulas de Civilidade, as moças aprendiam tudo sobre etiqueta: como colocar uma mesa, a posição dos talheres, os tipos de taça, para água, vinho...No final do curso tínhamos que provar o nosso aprendizado, fazíamos e oferecíamos um banquete (jantar) para a Direção e professores e, o que era mais importante, para nossos pais.

Contraditoriamente à missão delegada às futuras professoras ruralistas, cujo intuito era o de romper com um quadro sociocultural caracterizado por práticas tradicionais e totalmente distanciadas do mundo dito civilizado o perfil pretendido para as moças e a educação por elas recebida atendiam ao papel que deveriam desempenhar na sociedade, ou seja:

Nesse quadro social, as mulheres eram avaliadas pela beleza física, pela religiosidade, pelos valores morais e pelas principais prendas domésticas nas quais se destacavam. Alguns lustros de cultura eram desejados e o conhecimento de uma outra língua, arte, poesia e literatura sempre impressionava (...). **A mulher que transitava nesse espaço era a mãe de família preocupada com a casa e com os filhos, que aguardava o marido todos os dias para as refeições...** Se, para culminar, essas mulheres pudessem ter uma profissão que lhes possibilitasse uma certa independência e um pouco de liberdade, isso poderia significar um grande passo a realização pessoal e profissional... (ALMEIDA, 1998, p.168).

A inserção dessas mulheres no espaço da instituição escolar como alunas para posteriormente conquistarem a profissionalização foi deveras significativo em virtude do que isso representaria simbolicamente em suas vidas, ainda limitadas em virtude da representação que se fazia quanto à função familiar e maternal a elas delegada culturalmente. Sobre o que representou a formação nas escolas normais rurais, assim se expressaram as depoentes:

Este diploma de professora garantiu não somente o meu ganha pão, mas a realização por ter contribuído com a educação da juventude do meu Juazeiro. A escola normal rural foi a continuação do lar, onde gozei do privilégio de doar-me em prol da educação de muitos filhos e filhas do coração, já que não tive o privilégio da maternidade natural. **(Maria Assunção Gonçalves ENRJN).**

Dedicava-me por inteiro a minha missão de educadora. Mas outro sonho realizaria em 1949. O “meu sonho cor de rosa”. Encontrei o meu Querido no outono da vida. Ele chamava-se Raimundo Nonato Freire, conhecido por todos como Michico. Foi Prefeito de Limoeiro do Norte, no período de 1950 a 1954 [...].Mesmo assumindo as tarefas do lar continuei em minha caminhada na educação. Pois considero ser um dom divino e por isso quero concluir minhas palavras com uma mensagem para a professora entrevistadora “Que o seu amanhã seja uma constante aurora, iluminando o cego que lhe pede a luz, porque assim é ser professor, ensinar é dá a luz ao cérebro, é proporcionar conhecimento aos que dele necessitam **(Carmosina Monte Araes Freire - ENRLN).**

Tínhamos todos os dias, trabalhos manuais. Quem não fizesse cinco trabalhos durante o ano (bordado, pintura, labirinto...), não tinha nota de trabalhos manuais. E em relação às outras disciplinas, existia Psicologia, Matemática, Português... As professoras eram vistas com muito respeito. Primeiro porque elas se vestiam muito bem. Ave Maria! A pro-

fessora não podia andar com roupa cavada, tinha que ser bem comportada. As madames diziam que era para dar bom exemplo aos alunos. **(Maria Elvira Costa – ENR Sagrado Coração).**

O método de ensino primava pela instrução e também pela educação. Recebíamos as afa-
madas aulas de civilidade onde se dava ênfase ao amor e respeito aos pais, ao carinho para
com os idosos, ao cultivo de sentimentos de dignidade, justiça e honradez, e ainda aos há-
bitos de boa educação, atributos fundamentais à formação integral do aluno. Nossa escola,
como todo estabelecimento de ensino daquele tempo, dedicava parte de seu currículo às
leituras construtivas à elevação moral. **(Herotildes Helena da Silva Ferreira – ENR San-
tana de Iguatú)**

Enquanto umas professoras ressaltam a necessidade de ajudar no sustento do lar, algo desde cedo
incutido por membros da família, outras demonstram que a profissão não só representara motivo de rea-
lização pessoal, mas também se constituía tal tarefa em algo que deveria proporcionar retorno financeiro.
Em alguns depoimentos, esse aspecto não é enfocado de forma explícita, ficando nas entrelinhas o que
não foi expresso de forma mais categórica. No entanto é possível assinalar que “Na História da Educa-
ção brasileira e nas análises sobre o trabalho feminino no país isso ainda não foi bem explicitado e du-
rante algum tempo acreditou-se na falsa ideia do “ganho para os alfinetes” (ALMEIDA, 1998, p.169).

Nas falas das narradoras são perceptíveis as marcas de uma formação que delegava à professora pri-
mária, da zona rural, o papel de missionária que desbravaria um mundo ainda dominado pela igno-
rância, por práticas arcaicas e distanciadas dos valores, costumes e atitudes assumidos pelos habitantes
urbanos. Neste aspecto, a professora rural tinha por “missão” orientar racionalmente as novas gerações
de camponeses para que pudessem assumir de forma mais competente e satisfatória as tarefas agrícolas
e pastoris, “dando-lhes a conhecer os meios de defesa da saúde e de incentivo ao progresso”. Em tal pers-
pectiva, a escola era vista como *locus* por excelência da transformação social. Era célula responsável pela
geração de um organismo pleno de vitalidade, em cuja essência encontrava-se a razão maior da vida em
uma sociedade rural.

Qual então o papel da professora formada nas escolas normais do Ceará naqueles idos de intensa
divulgação e efusivos discursos em torno da ruralização do ensino e da escola como uma instituição a
serviço da Pátria? Nos depoimentos das normalistas rurais do Ceará, encontrei a mais lídima convicção
do que era ser professora e qual o papel desempenhado pela escola formadora na definição de uma ati-
tude, de uma maneira *der ser*, de pensar e agir encetadas em suas trajetórias pessoais e profissionais.

A compreensão do ser professora não se desvincula do ser mulher, do ser social, do “eu” constituído
nas bases sólidas dos conhecimentos teóricos e práticos que se desenvolviam na própria essência de uma
formação destinada às moças, cuja educação escolar era voltada para a formação do cidadão nacional
naquele tempo de efervescência nacionalista. Em alguns momentos das narrativas, encontramos a per-
cepção de como deveria ser, o que se esperava das moças que saiam da Escola Normal Rural:

Na escola se aprendia de tudo, até a fabricação de produtos industriais, como brilhantina,
tinta, etc. Além da confecção de artesanato, principalmente de palha. Assim, as moças
saíam com uma formação geral, que ia dos conhecimentos científicos ao desenvolvimento
das artes e de trabalhos manuais, da aquisição de atitudes e valores morais. **As moças que
estudavam na ENRJ eram conhecidas só pelo andar... A postura que tinham... A ele-**

gância, A forma de olhar. Elas se tornavam excelentes donas de casa... verdadeiras damas! (Assunção Gonçalves- ENRJN. Grifo nosso).

Na estreita relação teoria e prática, o objetivo era promover uma formação que dotasse a futura professora de saberes sobre o campo, mas dotando-a de uma formação geral, que se daria por meio de uma educação que a moldasse aos padrões sociais e do ensejo das famílias que esperavam da mulher atitudes refinadas, sendo ainda estas, portadoras de atributos indispensáveis ao seu desempenho no lar e à sua conduta na sociedade.

Assunção Gonçalves enfatiza esse aspecto de educação refinada recebida na ENRJN, ou seja, a formação de uma verdadeira dama, de uma mulher que conseguia associar conhecimentos técnicos sobre o campo, para orientação aos agricultores, aos saberes e atitudes inerentes a uma mulher de educação doméstica e social incontestáveis.

Na mesma direção, Carmusina Arrais reforça a importância refinada que as alunas tinham na Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte. Fala de seu tempo de aluna com muito entusiasmo, enfatizando os conhecimentos relacionados a artes e literatura. Escreveu muitas crônicas que resultaram em publicação de dois livros. Associa a habilidade com a escrita literária e o seu jeito extrovertido à formação recebida na Escola que as estimulava para leituras de nomes como Machado de Assis, Euclides da Cunha, seus escritores preferidos, bem como as forçavam para o exercício da oratória. Quanto ao papel da professora, apresenta a concepção da educadora como uma missionária, profissional com a responsabilidade grandiosa e divina de conduzir a luz da instrução às mentes que dela necessitam: “*Mesmo assumindo as tarefas do lar continuei em minha caminhada na educação. Pois considero ser um dom divino...*”, afirmara no final de sua narração. Para a ex-aluna da ENRLN, o professor deve iluminar o cego que lhe pede a luz, “*porque assim é ser professor, ensinar é dá a luz ao cérebro, é proporcionar conhecimento aos que dele necessitam*”.

Ao se referir à profissão de professora, Elvira Costa acentua que a vontade de ser educadora era algo alimentado desde a mais tenra idade. Sempre nutriu a vontade de ser professora, tinha “*um ideal, assim, de alfabetizar, de ser professora*”. Nesse sentido, ressalta:

“Lecionei durante trinta e dois anos, no período em que o ensino era melhor e o professor era mais valorizado. Hoje é muito diferente, o professor não tem nem mais direito de reprovar o aluno. Antigamente, até os pais nos respeitavam. Os alunos tinham a gente como mãe”. (Elvira Costa-ENRSC).

Novamente a figura da professora é associada a sua função maternal. Os atributos inerentes ao papel da mulher na sociedade passaram a ser vistos como elementos essenciais à escola e à formação que esta proporcionaria às futuras gerações, dentro de um projeto de sociedade que se ajustasse às demandas de uma nação em busca de sua afirmação e consolidação enquanto tal, de um Estado que lutava contra as adversidades advindas de sua posição periférica dentro de um Brasil caracterizado por diversos brasis existentes.

Na “Terra da Luz”, referência ao sol inclemente dos sertões cearenses, o mesmo que ilumina o esplendor de suas praias, não se dispunha da luz do conhecimento. Com essa analogia, enfatizo o tom romântico e otimista presente nas falas das professoras rurais. As escolas normais rurais nasceram, portanto, com essa missão de levar a luz da instrução para as regiões sertanejas, ao mundo ainda repleto de ignorância, desprovido de civilidade, totalmente distanciado do saber científico e da cultura letrada.

Descrever o ser professora ruralista passa a ser redundante ante as falas de mulheres sábias, convicidas do dever cumprido e da missão grandiosa a que foram chamadas nesta tarefa “divina”, “patriótica” e cidadã de conduzir a Luz da Instrução às crianças dos sertões ou das cidades interioranas e do litoral. Deixo à professora Herotildes Helena, ex-aluna da Escola Normal de Iguatu, a tarefa de expressar, com a força de sua emoção, o que foi ser professora:

Ser professora para mim é uma responsabilidade diante de Deus, pois estamos formando pessoas. Deus nos entrega uns de seus filhos para que o conduzamos para o bem. É o mesmo privilégio de ser mãe. Assim, **ser professora é um privilégio como o de ser mãe. É ajudar na obra divina da criação.** (Grifo nosso).

Tecendo os fios da história: as relações entre Estado, família e educação de mulheres

A mobilização em torno das questões educacionais no Brasil a partir de meados dos anos de 1930 pressupunha uma ação mais ampla, ou seja, ação cultural, pois a tarefa educativa não deveria visar somente à transmissão de conhecimentos, mas à formação de mentalidades. Para além da simples reforma do sistema escolar; era imprescindível desenvolver, portanto,

A alta cultura do país, sua arte, sua música, suas letras: era necessário uma ação sobre os jovens e sobre as mulheres que garantisse o compromisso dos primeiros com os valores da nação que se construía, e o lugar das segundas na preservação de suas instituições básicas (SCHWARTZAN, 2000, p. 97).

Era um tempo de ação e, neste contexto, situo a formação da professora ruralista no Ceará, respaldada no estabelecimento de um ideal de educadora missionária e guardiã das instituições básicas do País: família, escola e pátria.

No cerne do ideário nacionalista, a mulher tinha papel primordial para esta “nação em marcha”. Ela era, ou deveria ser a responsável pela proteção do lar e, por isso, receberia uma educação adequada ao seu papel social, ou seja, as funções inerentes à educação dos filhos e aos cuidados e atividades domésticas que assegurassem a estabilidade e harmonia do lar. E, como professora, tinha a missão de educar as crianças, futuros “soldados a serviço da Pátria”. Neste sentido, na proposta de formação da professora nas escolas normais rurais, encontra-se parte do projeto de unificação territorial e fixação dos sertanejos às suas glebas. De acordo com Alcir Lenharo (1986, p. 56),

Procede do discurso de Vargas a afirmação de que a conquista da brasilidade seria ultimada através da interiorização do país: “O verdadeiro sentido da brasilidade é a marcha para o Oeste”. Já se encontra manifesta a idéia de oposição ao litoral enquanto evocação da presença estrangeira e espaço simbólico de sua influência desnacionalizadora...

A educação em tal contexto desempenhava o papel de propiciar instrução que desenvolvesse habilidades profissionais com o fito de contribuir com a sustentação de um país industrial emergente. A sustentabilidade do urbanismo haveria de se ancorar em uma reestruturação do campo, o que pressupunha a permanência do homem no meio rural e a reorientação de suas atividades em bases mais científicas ou de um saber mais sistematizado via modernização e mecanização do trabalho agropecuário.

Como já afirmei anteriormente, a alunas dessas escolas pertenciam, em sua maioria, às classes sociais mais abastardas dos rincões cearenses. Suas origens estavam fincadas aos clãs mais tradicionais das cidades e circunvizinhanças das sedes das escolas normais rurais, visto que as escolas fundadas no estado situavam-se nas urbes mais desenvolvidas da região na qual se localizavam geograficamente. A família é uma das referências simbólicas importantes para a estruturação das relações sociais, ela não constitui um conceito meramente abstrato, desvinculado da estrutura social e da formação histórica de uma determinada sociedade. Ao adentrar a realidade da educação rural no tempo do Estado Novo chego à percepção do quão forte são as relações do Estado, família e educação nesse período. O projeto político repercute na sociedade, notadamente nas famílias de classes médias e de elite (urbanas e rurais), plenamente receptíveis aos apelos nacionalistas, enfaticamente propalados pela propaganda oficial. Assim, não seria diferente com a clientela que frequentava as escolas de formação da professora ruralista, visto que pertencia às famílias dos estratos sociais dominantes da sociedade local, aquelas que se destacavam no campo político, econômico e educacional.

Nas idéias subjacentes à filosofia educacional das escolas normais rurais é perceptível à presença da orientação integralista – fato explicado pela proliferação e impregnação desse movimento na sociedade cearense. Nas narrativas das normalistas rurais, sujeitos dessa pesquisa, estão implicitamente as marcas de uma ideologia que as percebia com determinadas funções, dentre outras, a de “*dedicar-se às suas famílias e lares, propiciar e educar crianças cristãs e patrióticas, proteger os lares contra o comunismo e cultivar valores ‘femininos’ como obediência, amor, sacrifício, pureza e espiritualidade.*” (MAIO; CYTRYNOWICZ, 2003, *apud* FERREIRA; DELGADO, 2003, p. 52). Assim, “*crer, obedecer e preservar*” era o lema que definia o que deveria ser a mulher na sociedade daqueles idos.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.
- BENJAMIN, W. “O Narrador- Considerações sobre a obra de Nicolau Leskov”. In **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e a história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, v. I)
- CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (orgs). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Coleção O Brasil Republicano).
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. 2ª edição. Campinas - São Paulo: Papirus, 1986.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- MAIO, Marcos Chor e CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (ORG). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Coleção- O Brasil Republicano; v.2).
- NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.
- SCHWARTZMAN, Simon et al. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Editora Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.